

# A epístola como exemplo de texto escrito

MARCOS MARTINHO DOS SANTOS  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo

---

**RESUMO:** Valendo-me das *Epístolas* de Horácio e do confronto destas com a *Poética* e a *Retórica* de Aristóteles, primeiro investigo a *hypókrisis* da epístola, de modo a qualificar esta como essencialmente *graphiké* e, daí, destinada, não a ouvinte ou espectador, mas a leitor. Depois deduzo dessa qualidade, que respeita à elocução, a matéria mais conveniente à epístola, que respeita à invenção, de modo a entender tal conveniência como *prépon* da epístola; por exemplo, nas *Epístolas* de Horácio, o elogio do campo e repúdio da cidade seriam, nesse sentido, não um gosto particular do Autor, mas uma matéria que, de modo geral, se harmoniza com elocução que, justamente, se dirige ao leitor, isto é, ao âmbito privado [= campo], e repudia o ouvinte e espectador, isto é, o âmbito público [= cidade].

**PALAVRAS-CHAVE:** epistolografia; Horácio; poética; retórica; Aristóteles; *hypókrisis*; escrita e oralidade; *prépon*.

---

## 1. A *léxis graphiké* da epístola e a matéria do elogio ao campo e repúdio da cidade

Na Epístola 1 do Livro 2, Horácio aponta a Augusto as várias causas que o afastam, em geral, da prática da poesia, seja da poesia dramática (v. 177-213), seja da lírica (v. 214-44), seja da épica (v. 245-50). Já do que o afasta da primeira, em particular, alega o desvirtuamento do gosto do público, seja da plebécula seja do cavaleiro (v. 186-7), pois que todos se comprazem mais em admirar os adereços que enfeitam o palco que em ouvir o texto que lhes narra o ator (v. 182-207). Assim se queixa Horácio:

*Saepe etiam audacem fugat hoc terretque poetam,  
quod numero plures, virtute et honore minores,  
indocti stolidique et depugnare parati,  
si discordet eques, media inter carmina poscunt  
aut ursum aut pugiles: his nam plebecula gaudet.  
verum equitis quoque iam migravit ab aure voluptas  
omnis ad incertos oculos et gaudia vana.*

[. . .]

*si foret in terris, rideret Democritus, [...]*

[. . .]

*spectaret populum ludis attentius ipsis,  
ut sibi praebentem nimio spectacula plura:  
scriptores autem narrare putaret asello  
fabellam surdo [...]*

[. . .]

Garganum mugire putes nemus aut mare Tuscum;  
tanto cum strepitu ludi spectantur et artes  
divitiaeque peregrinae, quibus oblitus actor  
cum stetit in scaena, concurrat dextera laevae.  
“dixit adhuc aliquid?” “nil sane.” “quid placet ergo?”  
“*lana Tarentino violas imitata veneno*” (Hor. Ep. II 1,182-207)

Amiúde ainda isto afasta e aterra o poeta audacioso:  
que os amplos em número, diminutos em virtude e honra,  
indoutos e estultos e prontos a lutar  
se discorda o cavaleiro, pedem, em meio aos poemas,  
ora o urso ora os pugilistas, pois nisso se regozija a plebécula.  
Na verdade, também do cavaleiro o prazer migrou todo  
do ouvido para os incertos olhos e gozos vãos.

[. . .]

Se estivesse na terra, riria Demócrito, [...]

[. . .]

admiraria o público mais atentamente que aos mesmos jogos,  
como a apresentar-lhe espetáculos bem mais numerosos;  
já os escritores pensaria que narram a fábula  
a um asno surdo. [...]

[. . .]

Pensarias que muge o bosque do Gargano ou o mar da Toscana,  
tal o estrépito com que se admiram os jogos e artes,  
bem como as riquezas estrangeiras, pelas quais o ator é esquecido  
quando, ao parar em cena, a destra encontra a esquerda.  
“Ele disse algo ainda?” “Nada, não.” “Que aplaudem, então?”  
“A lã imitando o violeta com o pigmento de Tarento.”

Ainda em particular, Horácio distingue entre o público do poeta lírico e o do trágico: o daquele atentaria, ao menos, no que o poeta lhe narra, já que, não deparando com qualquer cenário, que admire como espectador, tem apenas o texto, que aprecie como leitor:

[...] *Qui se lectori credere malunt  
quam spectatoris fastidia ferre superbi* (id. ib. II 1,214-5)

[...] Que preferem fiar-se do leitor  
a suportar a soberba de um espectador enfasiado.

Nesse sentido, enfim, o público da lírica e, daí, a mesma poesia lírica seriam superiores ao público da tragédia e a toda a poesia trágica.

Ora, a crítica de Horácio parece ser, antes de tudo, um lugar-comum das artes poéticas e retóricas gregas e latinas, a julgar, por exemplo, pelos argumentos de Aristóteles para a superioridade da epopéia sobre a tragédia. Segundo o Filósofo, a alegada superioridade deve-se a que o público da epopéia, de um lado, dispensa, o da tragédia, de outro, reclama aparato visual, seja o cenário do palco seja a mímica do ator; esta, aliás, Aristóteles designa ora por *kínēsis*, ou movimento, com que alude à expressão corporal do ator, ora por *skhémata*, ou feições, com que alude à expressão facial:

Πότερον δὲ βελτίων ἢ ἐποποιικὴ μίμησις ἢ ἡ τραγικὴ, διαπορὴ σσειεν ἂν τις. εἰ γὰρ ἡ ἦττον φορτικὴ βελτίων, τοιαύτη δ' ἡ πρὸς βελτίους θεατὰς ἐστὶν ἀεὶ, λίαν δῆλον ὅτι ἡ <πρὸς> ἅπαντα μιμουμένη φορτικὴ· ὡς γὰρ οὐκ αἰσθανομένων ἂν μὴ αὐτὸς προσθῆ, πολλὴν κίνησιν κινουῦνται [...]. ἡ μὲν οὖν τραγωδία τοιαύτη ἐστίν, ὡς καὶ οἱ πρότερον τοὺς ὑστέρους αὐτῶν ἔντο ὑποκριτὰς· ὡς λίαν γὰρ ὑπερβάλλοντα πίθηκον ὁ Μυννίσκος τὸν Καλλιπιδὴν ἐκόλει, τοιαύτη δὲ δόξα καὶ περὶ Πινδόφου ἦν· ὡς δ' οὗτοι [δ'] ἔχουσι πρὸς αὐτούς, ἡ ὅλη τέχνη πρὸς τὴν ἐποποιίαν ἔχει· τὴν μὲν οὖν πρὸς θεατὰς ἐπιεικεῖς φασὶν εἶναι <οἱ> οὐδὲν δέονται τῶν σχημάτων, τὴν δὲ τραγικὴν πρὸς φαύλους· εἰ οὖν φορτικὴ χεῖρων δῆλον ὅτι ἂν εἶη (Arstt. *Poet.* 26,1-5)

Ora, poder-se-ia discutir se é preferível a imitação [*mimesis*] épica ou a trágica. Pois se a menos grosseira é preferível, e tal é sempre a voltada para espectadores preferíveis, [está] bem claro que a que tudo imita é grosseira. Pois, por não serem apreciados se [o espectador] mesmo não se impõe, [os atores] movimentam-se com amplo movimento [*pollèn kinesisin kinoúntai*] [...]. Ora, a tragédia, pois, é tal como também os atores de antes criam os pósteros, pois assim Minisco chamava Calípides, que balançava demais, de macaco, e tal era a opinião também acerca de Píndaro. Ora, assim como estes estão para aqueles, toda a técnica [dramática] está para a epopéia. Dizem, pois, que esta, de um lado, é para espectadores superiores, que não necessitam das feições [*skhemáton*], a [técnica] trágica, de outro, para parvos. Se, pois, é grosseira, claro que é inferior.

Ora, tal argumento concorda, antes de tudo, com aquele outro, essencial para a qualificação aristotélica da poesia, pelo qual se distinguem *mimesis* visual e *mimesis* sonora:

Καὶ χρώμασι καὶ σχήμασι πολλὰ μιμουῦνταί τινες ἀπεικάζοντες [...], ἔτεροι δὲ διὰ τῆς φωνῆς (id. ib. 1,4)

Uns, tanto por cores como por feições [*skhémasi*], imitam [*mimoúntai*] muitas coisas ao fazer a imagem [destas] [...], outros, porém, por meio da voz [*phonês*].

Como se vê desse passo, com que se abre a *Poética*, os *skhémata* tanto se equiparam à *mimesis* visual como, por isso mesmo, se distinguem da *mimesis* sonora. Ora, a tragédia seria, então, uma espécie poética que acoplaria os *skhémata*, elemento visual, à *phoné*, elemento sonoro. Daí, então, o público daquela, por algum desvirtuamento do

gosto, teria sido levado a preferir a *phoné*, a parte essencial do gênero poético, em favor dos *skhémata*, a parte accidental da espécie trágica. Enfim, assim como Aristóteles prefere a epopéia, assim Horácio prefere a lírica à tragédia; assim como aquele, assim este critica a tragédia.

Ora, as críticas do Filósofo e do Epistológrafo atentam, antes de tudo, para o elemento visual que se acopla ao sonoro e, daí, acaba mesmo por sobrepor-se a este; demais, tal elemento designa-se, na linguagem de Aristóteles, por *kínesis* e *skhémata*. Ora, tais são os termos técnicos que, nas artes retóricas e poéticas gregas e latinas, se empregam para designar uma parte do estudo da oratória e poesia, a saber, a *hypókrisis*, em grego, ou *actio*, em latim, isto é, a recitação ou ação. Demais, tal parte considera a *kínesis* ou *motus*, isto é, os movimentos corporais que acompanham a enunciação de um texto, e os *skhémata* ou *facies*, isto é, as expressões faciais. Por isso, na verdade, Aristóteles, tão logo expõe sua crítica à tragédia, diz que se trata de uma acusação, não a tudo que pertence à poética, mas só ao que pertence à *hypókrisis*:

Πρῶτον μὲν οὐ τῆς ποιητικῆς ἡ κατηγορία ἀλλὰ τῆς ὑποκριτικῆς  
(id. ib. 26,6)

Primeiro, pois, a acusação é [acusação] não da poética, mas da récita  
[*hypokritikês*].

Mas, então, a tragédia seria, das espécies poéticas, apenas aquela que, pelo uso do cenário do palco e dos gestos e feições do ator, mais facilmente abre caminho ao relevo da *hypókrisis* (id. ib. 19,7). Logo, também as outras espécies poderiam incorrer em tal excesso, ainda que menos facilmente. Por isso, na verdade, Aristóteles, tão logo critica a *hypókrisis* da tragédia, absolve, em particular, a tragédia que não faça preponderar a *hypókrisis*, e condena, em geral, qualquer espécie poética que ponha em relevo a *hypókrisis*.

Assim, por um lado, também a tragédia pode atingir seu fim próprio à maneira da epopéia, isto é, sem recorrer à *kínesis*:

Ἔτι ἡ τραγωδία καὶ ἄνευ κινήσεως ποιεῖ τὸ αὐτῆς, ὡσπερ ἡ  
ἐποποιία (id. ib. 26,8)

Demais, também sem movimento [*kinéseos*] a tragédia perfaz o que é dela, como a epopéia,

contanto que, dada a tragédia, o efeito desta no público resulte antes do encadeamento mesmo dos atos (id. ib. 14,1: *ex autês tês systáseos tôn pragμάτων*), que se narra aos ouvidos do público, que do espetáculo (id. ib. 14,1: *ek tês ópseos*), que se apresenta aos olhos; ou ainda, contanto que a tragédia se dirija ao público antes como a ouvinte (id. ib. 14,2: *tôn akouíonta*) que como a espectador (id. ib. 14,2: *áneu toû horân*):

Ἔστιν μὲν οὖν τὸ φοβερόν καὶ ἐλεεινὸν ἐκ τῆς ὄψεως γίνεσθαι, ἔστιν δὲ καὶ ἐξ αὐτῆς τῆς συστάσεως τῶν πραγμάτων, ὅπερ ἐστὶ πρότερον καὶ ποιητοῦ ἀμείνονος. δεῖ γὰρ καὶ ἄνευ τοῦ ὄραν οὕτω συνεστᾶναι τὸν μῦθον ὥστε τὸν ἀκούοντα τὰ πράγματα γινόμενα καὶ φρίττειν καὶ ἐλεεῖν ἐκ συμβαινόντων· ἃ περ ἂν πάθοι τις ἀκούων τὸν τοῦ Οἰδίπου μῦθον. τὸ δὲ διὰ τῆς ὄ

ψεως τοῦτο παρασκευάζειν ἄτεχνότερον καὶ χορηγίας δεόμενόν  
ν ἔστιν (id. ib. 14,1-3)

Podem, pois, o medo e piedade ser gerados da vista, mas podem [sê-lo] ainda do encadeamento mesmo dos atos, o que é preferível e [próprio] de ótimo poeta. Pois é necessário que o mito seja composto de tal modo que, ainda que sem ver, quem ouve os atos que se geram tanto trema como se apiede pelo que ocorre. Isso padeceria [*páthoi*] quem ouvisse o mito de Édipo. Já o preparar isso por meio da vista [*ópseos*] é extratécnico e necessidade de coregia.

Por outro lado, também a epopéia e lírica se podem recitar em público por um rapsodo (id. ib. 26,6: *rhapsoidoúnta*; cf. *Rhet.* III 1,3.8) ou um declamador (id. *Poet.* 26,6: *diáidonta*) que exagerem os *seméia*, ou sinais:

Ἐπεὶ ἔστι περιεργάζεσθαι τοῖς σημείοις καὶ ῥαψωδοῦντα, ὃ  
περ [ἔστι] Σωσίστρατος, καὶ διόδοντα, ὅπερ ἐποίει Μνασίθεος  
ὁ Ὀπούντιος (id. ib. 26,6; cf. *Rhet.* III 1,3.8)

Já que podem exceder-se nos sinais [*seméiois*] tanto o rapsodo, o que [pode] Sosístrato, como o declamador, o que fazia Mnasíteo de Opunte.

Ora, também Horácio parece distinguir entre a declamação e a leitura de um poema outro que o trágico. Assim, neste passo:

*Troiani belli scriptorem, Maxime Lolli,  
dum tu declamas Romae, Praeneste relegi* (Hor. *Ep.* I 2,1-2)

O escritor da guerra de Tróia, Lólio Máximo,  
enquanto tu o declamas em Roma, em Preneste releio,

estaria a distinguir entre a declamação da epopéia, em que se assoma a *actio*, e a leitura, em que se subtrai. Enfim, assim como Horácio concorda com Aristóteles quando critica, em particular, a tragédia, assim também quando distingue, em geral, a declamação e a leitura de qualquer espécie poética.

Mas Aristóteles ainda emprega o mesmo critério na análise de espécies outras que as poéticas, a saber, na das espécies retóricas. Assim, distingue, na *Retórica*, entre as espécies que se prestam à recitação, isto é, à leitura acompanhada de declamação ou encenação, e as que se prestam à simples leitura; em outras palavras, distingue entre as espécies que se dirigem a ouvinte ou espectador, de um lado, e as que se dirigem a leitor, de outro. Aquelas, então, chama *agonistikáí*, ou combativas, e estas, *graphikáí*, ou escritas (*Arstt. Rhet.* III 12,1-6). Assim, das espécies retóricas diz que são *agonistikáí* a deliberativa e a judiciária (id. ib. III 12,1-2), é, porém, *graphiké* a epidíctica (id. ib. III 12,5-6). Ora, também Horácio emprega o mesmo critério na análise de espécies outras que as poéticas, a saber, na das espécies dialogais, ou melhor, na da espécie epistolar. Assim, na Epístola 1 do Livro 1, distingue entre a epístola, espécie do gênero dos diálogos, e a ode, espécie do gênero dos poemas, pela *hypókrisis*, de modo que a ode se associe à declamação, e a epístola, à leitura.

Diz, então, que abandona a prática da ode, em que já foi muito admirado (v. 2: *spectatum*), para dedicar-se à da epistolografia, que lhe solicita o ouvido (v. 7: *aurem*), de modo que, se na Epístola 1 do Livro 2 condena o prazer do público da tragédia por ter migrado do ouvido para os olhos (v. 187-8), na outra estaria a dizer que seu prazer se volta dos olhos ao ouvido. Na verdade, também na Epístola 1 do Livro 2, tão logo aponta a Augusto as várias causas que o afastam da prática da poesia, diz que a prática a que ora se dedica é a da epistolografia (v. 250-1). Enfim, das espécies poéticas a tragédia deve, essencialmente, ser encenada, e a epopéia e ode podem, acidentalmente, ser declamadas; por oposição a todas, porém, a epístola, por assim dizer, não pode nem deve jamais ser declamada nem encenada. Assim, se das espécies poéticas umas são *agonistikaí* por essência e outras por acidente, a epístola, contudo, espécie dialogal, seria essencialmente e sempre *graphiké*.<sup>1</sup>

Daí, porém, pode-se fazer uma digressão pela qual se associe a natureza escrita da epístola, elemento da *hypókrisis* e, daí, da elocução, a certa matéria comum à epístola, elemento da invenção. Ora, a epístola, por um lado, é contrária à encenação ou declamação e, daí, avessa ao espectador e ouvinte, isto é, ao grande público; por outro, é própria da leitura e, daí, do leitor, isto é, do pequeno público. Daí, a epístola é, por assim dizer, avessa ao público, amiga do privado; ou ainda, repugna a cidade, ama o campo. Assim, se se torna a estes versos de Horácio:

*Troiani belli scriptorem, Maxime Lolli,  
dum tu declamas Romae, Praeneste relegi* (Hor. Ep. I 2,1-2)

O escritor da guerra de Tróia, Lólio Máximo,  
enquanto tu o declamas em Roma, em Preneste releio,

repara-se, agora, que Horácio, epistológrafo, se opõe a Lólio, rapsodo, não só por associar-se aquele à leitura, e este à declamação, mas por associar-se, ademais, a própria leitura ao campo (= Preneste), e a declamação à cidade (= Roma). Assim também, se se torna ao passo da Epístola 1 do Livro 1, em que Horácio diz abandonar a ode, apta à declamação, para passar à epístola, própria da leitura, repara-se, agora, que o Epistológrafo se compara, então, ao gladiador Veiãoio, que teria abandonado a arena, isto é, a cidade, para passar ao campo (id. ib. I 1,5-6), oposição essa que, ademais, é assinalada por colocar-se as palavras *harena* e *agro* na posição final dos respectivos versos.

O que, então, se pode deduzir de tal digressão é que o repúdio da cidade e o elogio do campo, matéria que ocupa, por exemplo, toda a Epístola 10 e 14 do Livro 1 de Horácio, seriam, não a expressão de algum gosto particular do Autor, mas a obediência a um preceito geral da retórica e poética segundo a qual se emprega a matéria mais conveniente à elocução ou *hypókrisis* da espécie epistolar; numa palavra, seriam um lugar-comum determinado pelo *prépon*, ou decoro, daquela espécie.

## 2. A *phonè mikrá* da epístola e o *páthos* da calma

Como se disse, a *léxis graphiké*, ou elocução escrita, da epístola não se presta ao relevo da *hypókrisis*; agora, porém, é necessário especificar aquilo da *hypókrisis* que exatamente não se presta a pôr em relevo. Pois, como se disse também, a *hypókrisis* compõe-se de duas partes, a saber: de *kínesis* e *skémata*, de um lado (Arstt. *Poet.* 19,7), e de *phoné*, de outro (id. *Rhet.* III 1,4), que em latim se dizem, respectivamente, *actio* e *pronuntiatio* (Cic.

*De or.* II 29,79). Ora, se Aristóteles acusa, de modo geral, a *hypókrisis*, defende-lhe, de modo particular, a *phoné*;<sup>2</sup> pois se a *hypókrisis*, em geral, é acusada, na medida em que permite sobrepor-se a *mimesis* visual à sonora, a *phoné*, em particular, escapa a tal acusação, na medida em que é parte sonora da *hypókrisis*, por oposição aos *skhémata*, parte propriamente visual. Daí vem que a *hypókrisis* da epístola, se carece de *kínesis* e *skhémata*, ou *actio*, não carece, contudo, de *phoné*, ou *pronuntiatio*; em outras palavras, se, pela *actio*, a epístola se distingue totalmente das espécies poéticas, na medida em que não se presta à mímica, pela *pronuntiatio*, porém, distingue-se parcialmente, na medida em que, se não é encenada como a tragédia, nem declamada como a epopéia e ode, é contudo lida. Enfim, a epístola teria sua espécie própria de *phoné*. Ora, das *phonaí* que distingue Aristóteles<sup>3</sup> parece legítimo associar-se a *phonè mikrá*, ou voz baixa, à leitura e, daí, à epístola, assim como, por exemplo, a *phonè megále*, ou voz alta, à encenação e, daí, à tragédia.

Ora, é isso que Horácio, na Epístola 7 do Livro 1, parece indicar com a expressão de *contractusque leget* (v. 12). Diga-se que parece porque não é essa a leitura que do verso faz, por exemplo, o pseudo-Acrão, para quem o particípio *contractus* estaria a indicar apenas a posição de Horácio, que leria “encolhido por causa do frio” (ps.-Acr. *Ep.* I 7,12: <*Contractusque*>] *Prae frigore*). A lição apóia-se decerto na idéia, que se expressa no v. 10, de que o vate romano lerá durante o solstício de inverno (Hor. *Ep.* I 7,10: *bruma nives*). Porém, se se apoiasse a leitura no verbo *leget*, a que justamente se prende o particípio, poder-se-ia propor outra explicação para este. Pois se *leget* designa a *hypókrisis* própria da epístola, daí, então, também *contractus*. Ora, é bem do verbo *traho*, de que deriva *contractus*, que Cícero se vale para designar as espécies de *uoces*, de que se opõem uma à outra a *uox distracta*, ou voz alta (Cic. *Or.* 45,152: *distrahere voces*), e a *contracta*, ou baixa (id. *De or.* III 57,216: *contractum*). Assim, a expressão de Horácio poder-se-ia explicar como “lerá em voz baixa”.

Demais, Aristóteles, mais que distinguir as diversas espécies de *phoné*, sugere ainda que se empreguem de acordo com os diversos tipos de *páthos*, ou afeto.<sup>4</sup> Mas se a voz própria da epístola é a baixa, o *páthos* que mais lhe convém seria, ao que parece, o da *praótes*, ou calma. A calma, porém, Aristóteles define de modo curioso, ao admitir que é o oposto do *páthos* da *orgé*, ou melhor, *katástasis kai éremesis orgês*, ou estagnação e lenitivo da ira (Arstt. *Rhet.* II 3,3), como se fosse, não um *páthos*, mas a negação de um. De fato, na *Ética a Nicômaco*, diz que, embora não o oposto, mas o meio-termo da ira (id. *Nic.* 1125 b 26: *Praótes d' estì mesótes perì orgás*), a calma é, não um *páthos*, ou afeto, mas uma *héxis*, ou hábito, medianeira (id. ib. 1126 b 5: *mése héxis*). Seja como for, a calma, *páthos* conveniente à voz baixa e, daí, à epístola, seria, por assim dizer, carente de *páthos*:

Βούλεται γὰρ ὁ πρᾶος ἀπόραχος εἶναι καὶ μὴ ὑπὸ τοῦ πάθους  
(id. ib. 1125 b 33-5)

Pois quer o calmo [*prâos*] estar sem turbulência, e não sob o afeto [*páthous*].

De fato, que a voz baixa é como carente de *páthos* deduz-se, por oposição, da associação que Aristóteles faz da voz alta ao *páthos*:

Καὶ συνομοιοπαθεῖ ὁ ἀκούων ὡς τῶ παθητικῶς λέγοντι, κἄν  
μηθὲν λέγη. διὸ πολλοὶ καταπλήττουσι τοὺς ἀκροατὰς  
θορυβοῦντες (id. *Rhet.* III 7,4-5)

E sempre quem ouve se afeiçoia [*synomoiopatheî*] a quem fala afetivamente [*pathetikôs*], ainda que nada fale. Por isso muitos arrebatam os ouvintes ao bradar,

e que também o é a epístola deduz-se de duas associações, uma geral, outra particular. Pois, de modo geral, Aristóteles associa o *páthos* aos *skhémata* e *phoné*, isto é, à *hypókrisis* em geral:

Ἐπεὶ δ' ἐγγύς φαινόμενα τὰ πόθη ἔλεεινά ἐστι, [...] ἀνάγκη τοὺς συναπεργαζομένους σχήμασι καὶ φωναῖς καὶ ἐσθῆτι καὶ ὅλως τῇ ὑποκρίσει ἔλεεινότερους εἶναι· ἐγγύς γὰρ ποιούσι φαίνεσθαι τὸ κακὸν πρὸ ὁμμάτων ποιούντες (id. ib. II 8,14)

Ora, já que são piedosos os afetos [*páthe*] que parecem [estar] perto, [...] é necessário que sejam mais piedosos os que se excedem em feições [*skhémasi*], vozes [*phonaís*], veste, em suma, na recitação [*hypokrísei*], pois fazem o mal parecer [estar] perto, ao fazê-lo [estar] ante os olhos,

donde vem que, se a epístola, por ter elocução escrita, não põe em relevo a *hypókrisis* toda, é como carente de *páthos*. De modo particular, associa a elocução escrita à *akríbeia*, ou exatidão, ao mesmo tempo que a *hypókrisis* associa à elocução combativa:

Ἔστι δὲ λέξις γραφικὴ μὲν ἢ ἀκριβεστάτη, ἀγωνιστικὴ δὲ ἢ ὑποκριτικωτάτη (id. ib. III 12,2)

Ora, a elocução escrita [*léxis graphikè*], de um lado, é a mais exata [*akribestáte*], a combativa [*agonistikè*], de outro, a mais recitativa [*hypokritikotáte*],

e opõe a *akríbeia* à *hypókrisis*, em geral, e à *phonè megále*, em particular:

Ἄλλ' ὅπου μάλιστα ὑποκρίσεως, ἐνταῦθα ἥκιστα ἀκρίβεια ἔνι. τοῦτο δέ, ὅπου φωνῆς, καὶ μάλιστα ὅπου μεγάλῃς (id. ib. III 12,5)

Mas onde maximamente está algo da recitação [*hypokríseos*], ali minimamente há exatidão [*akríbeia*]; lá, porém, é onde está algo da voz [*phonês*], e maximamente da alta [*megáles*].

Em suma, a epístola, por ter elocução escrita, associa-se à leitura e, daí, à voz baixa e, daí, à calma, um *páthos* que é, por assim dizer, sem *páthos*; é, pois, avessa ao *páthos*. Daí, porém, pode-se fazer uma digressão pela qual se associe tal aversão ao *páthos*, que decorre da elocução, à invenção da epístola. Ora, se bem que o *páthos* da retórica se não confunda com o da medicina e ética, o termo sugere, contudo, algumas aproximações, já equiparativas já distintivas, daquela a estas; por exemplo, Aristóteles, na *Retórica*, compara o ofício da retórica ao da medicina (id. ib. I 1,14; cf. III 14,7: *iatreúmata*) e diz que a retórica é como um ramo da ética (id. ib. I 2,7). Assim, se se aplicassem os preceitos da medicina e ética à qualificação da epístola, que é avessa ao *páthos*, dir-se-ia que a matéria mais conveniente



àquela são os medicamentos contra os *páthe*, seja os do corpo, objeto da medicina, seja os da alma, objeto da ética.

Assim, na Epístola I do Livro 1, Horácio fala de palavras que têm o poder de curar as doenças (v. 34-5), seja as do corpo (v. 28-32) seja as da alma (v. 23-42). Demais, identifica tais palavras com as lições da filosofia, em geral, e da filosofia prática ou ativa, em particular. Primeiro, pois, quando diz que abandona a poesia para ouvir as palavras de alguém (v. 1-9), que não se nomeia senão pelo indefinido *quis* (v. 7), estaria a pensar no *magister philosophus*, segundo o pseudo-Acrão (ps.-Acr. *Ep.* I 1,7). Demais, o Comentador entende que o *dux* e *lar*, em que Horácio diz amparar-se após ter abandonado a poesia (v. 13), sejam a *doctrina* ou *opes* ou *secta* ou *praecepta philosophiae* (ps.-Acr. *Ep.* I 1,13.17). De fato, a palavra *lar* pode-se empregar com tal acepção, bem como outras mais ou menos afins que o mesmo Horácio assim emprega, por exemplo, *domus* (Hor. *O.* I 29,14: *Socraticam* [...] *domum*) e *grex* (id. *Ep.* I 4,16: *Epicuri de grege*; *S.* II 3,44). Enfim, o *melior*, em que Horácio nos insta a confiar (v. 48), é também identificado pelo pseudo-Acrão com o *magister philosophus* (ps.-Acr. *Ep.* I 1,48; cf. I 2,68). Assim também, Horácio afirma, segundo o pseudo-Acrão, que troca a poesia pela filosofia noutras Epístolas, por exemplo, na Epístola 2 do Livro 2 (id. *ib.* II 2,1; cf. Hor. *Ep.* II 2,141-4).

Em segundo lugar, a parte da filosofia a que Horácio propriamente se dedica é nomeada no seguinte passo da Epístola I do Livro 1:

*Quid verum atque decens curo et rogo et omnis in hoc sum* (Hor. *Ep.* I 1,11)

O verdadeiro e decente é o de que cuido e que rogo, e todo nisso estou.

Pois o par de *verum atque decens* opor-se-ia ao de *verum atque naturale*, que se lê na Ode 28 do Livro 1 (id. *O.* I 28,15: *naturae verique*), de modo que aquele designe o objeto da filosofia prática ou ativa, isto é, da ética, e este o da filosofia teórica ou contemplativa, isto é, da física. Assim também, na Epístola 12 do Livro 1, Horácio contrapõe aquilo de que Pompeio Grosfo cuida, a saber, o *verum et aequum* (v. 23), par que muito se aproxima ao de *verum atque decens*, àquilo de que Ício cuida. Ora, de Ício diz não só que cuida da filosofia dos *physici*, tais como Demócrito (Hor. *Ep.* I 12,12) e Empédocles (id. *ib.* I 12,20), que investigam os fenômenos celestes (id. *ib.* I 12,15-20), mas que descuida da filosofia de Sócrates (id. *O.* I 29,13-5). Ora, Sócrates opõe-se aos *physici* justamente por ter voltado a filosofia do estudo dos fenômenos da natureza para o dos hábitos do homem (Arstt. *M.* I 6 987 a 32 – b 2; Cic. *Br.* 8,31).

Enfim, assim como a elocução da epístola, em geral, é avessa aos *páthe*, assim a invenção das *Epístolas* de Horácio, em particular, se identifica com os preceitos da filosofia prática ou ativa, isto é, da ética, que, justamente, ensina o homem a moderar os *páthe*. O que, então, se pode deduzir de tal digressão é que a proposta da filosofia ética seria, não profissão de fé do Autor, mas simples meio de harmonizar-se a invenção com a elocução da espécie epistolar; numa palavra, seria lugar-comum determinado pelo *prépon* daquela espécie.

### 3. A *akríbeia* da epístola e o *êthos* do velho

Ora, se a epístola, por ter, como a espécie epidíctica, *léxis graphiké*, é como sem *páthos*, as demais espécies, contudo, seja retóricas, como a deliberativa e judiciária, seja

poéticas, como a tragédia ou também a epopéia e ode, que devem, como aquela, ou podem, como estas, ter *léxis agonistiké*, nem por isso são igualmente *pathetikaí*, ou afetivas. Das espécies retóricas, por exemplo, é a judiciária a mais apta a pôr em relevo os *páthe*, ou afetos, já a deliberativa, a pôr os *éthe*, ou costumes (Arstt. *Rhet.* III 12,2-4; II 1,3-4; III 7,1). De qualquer modo, a *léxis* da epístola não põe em relevo nem *páthos* nem *êthos*; pois a *akríbeia* própria da *léxis graphiké* opõe-se não só ao *páthos*, como se disse, mas ao *êthos*. De fato, diz Aristóteles que a *pístis*, ou fé, produzida pelo *êthos* é tanto maior quanto menos *akríbeia*, ou exatidão, e mais *amphídoxon*, ou ambigüidade, há (id. ib. I 2,4). Porém, assim como o não-relevo do *páthos*, próprio da *léxis* da epístola, não significa que esta não tenha *páthos*, mas que tenha um que consiste, por assim dizer, na negação do *páthos*, assim o não-relevo do *êthos*.

Demais, Aristóteles, sobre distinguir várias espécies de *éthe*, sugere ainda que se empreguem de acordo com os *páthe* as *héxeis*, ou hábitos, as *helikíai*, ou idades, e as *týkhai*, ou sortes (id. ib. II 12,1). Ao falar, então, do *êthos* dos *presbýteroi*, ou velhos, diz que estes não agem impelidos pelas *epithymíai*, ou apetites, mas contidos pelo *kérdos*, ou ganho, de modo que se possam dizer, não *pathetikoí*, mas *sophronikoí*, isto é, não afetivos, mas moderados (id. ib. II 13,13; I 10,10). Mais que isso, porém, diz que, por viver conforme o ganho, vivem mais pelo *logismós*, ou cálculo, que pelo *êthos* (id. ib. II 13,14; I 10,9). Em suma, o *êthos* próprio da idade dos velhos opor-se-ia não só ao *páthos*, mas, de algum modo, ao *êthos* mesmo; nesse sentido, pois, seria o *êthos* mais conveniente à *léxis* da epístola.

Ora, na Epístola 1 do Livro 1 e na Epístola 2 do Livro 2, em que Horácio aponta a Mecenas e Lólio, respectivamente, as causas que o afastam da poesia, a par do estudo da filosofia, nomeia-se outra causa: a idade avançada. Assim, diz a Mecenas:

*Non eadem est aetas, non mens [...] (Hor. Ep. I 1,4; cf. v. 8)*

Não é a mesma a idade, nem a mente [...],

e a Lólio:

*Singula de nobis anni praedantur euntes (id. ib. II 2,55; cf. v. 51-7, 142)*

Ao passar, os anos depredam-nos as coisas uma a uma.

Daí, porém, poder-se-ia deduzir que a matéria que mais convém à epístola é a da morte, a que, se não pelo acaso, ao menos pela necessidade, o velho se avizinha mais que o adulto ou a criança. Ora, tal parece ser o sentido de uns versos da Epístola 1 do Livro 1 de Horácio. Diga-se que parece porque a matéria da morte lá se entrevê por um sentido mais alegórico que literal. Ora, tão logo nomeia sua ocupação com o sobrecitado par de *verum atque decens*, de modo a identificar aquela com a filosofia ética, Horácio diz:

*Aequae pauperibus prodest, locupletibus aequae (id. ib. I 1,25)*

Igualmente aos pobres é útil, aos ricos igualmente,

o que faz pensar, antes de tudo, que o estudo da filosofia ética é igualmente útil a ricos e pobres. Porém, a idéia de indistinção perante ricos e pobres faria pensar, ademais, na morte, pois o mesmo Horácio diz na Epístola 2 do Livro 2:

[...] *Si metit Orcus  
grandia cum parvis* [...] (id. ib. II 2,178-9)

[...] Se ceifa Orco  
o grande com o pequeno [...].

Ora, a discussão sobre a importância do estudo da filosofia ética, que se lê na Epístola 1 do Livro 1, é precedida por outra em que Horácio diz que já está velho para escrever versos (v. 1-4) e que, como um gladiador, deve retirar-se da arena, para que, já velho, não tenha de suplicar os aplausos do público (v. 4-5). Por sua vez, os versos citados da Epístola 2 do Livro 2 precedem a discussão sobre o momento de a pessoa, já velha, retirar-se da vida (v. 205-16). Ora, percebe-se que o confronto não é aleatório, se se atenta no vocabulário; pois quando, numa Epístola, diz Horácio que o gladiador não deve suplicar, emprega o verbo *exorare* (id. ib. I 1,6), e quando, noutra, refere a implacabilidade de Orco na hora da morte, qualifica o deus pela expressão *non exorabilis* (id. ib. II 2,179). Assim também, ao comparar, numa Epístola, com o gladiador que, já velho, se deve retirar da arena, o cavalo que, já avelhentado, deve ser solto e abandonar as corridas, emprega o verbo *solve* (id. ib. I 1,8), que, noutra, emprega com a aceção de morrer, como explica o mesmo Autor:

*"Ipse deus, simul atque volam, me solvet."* opinor;  
*hoc sentit, "moriar"* [...] (id. ib. I 16,78-9)

"O próprio deus, assim que eu queira, me soltará [*solvet*]." Opino  
que tal é o sentido: "Morrerei". [...]

Demais, Horácio conclui tais versos dizendo que a morte é *ultima linea*, ou última linha, que, em sentido alegórico, faria pensar na reta de chegada da corrida do cavalo da Epístola 1 do Livro 1 (cf. v. 9: *ad extremum*; v. 6: *extrema*). Enfim, assim como, na Epístola 1 do Livro 1, o cavalo já velho, se teimar em correr, acabará ridículo (id. ib. I 1,9: *ridendus*), assim também, na Epístola 2 do Livro 2, a pessoa já velha, se se obstinar em viver (id. ib. II 2,216: *rideat*). Logo, pode-se dizer que, a par do estudo da filosofia ética, as causas que, na Epístola 1 do Livro 1 e na Epístola 2 do Livro 2, afastam Horácio da prática da poesia seriam os cuidados com a idade avançada e, daí, com a morte iminente; tal é a matéria daquelas Epístolas.

Enfim, à elocução da epístola o *êthos* que mais convém é o do velho; daí, a matéria que mais lhe convém é a da morte. O que, então, se pode deduzir de tal digressão é que o avançado da idade e a iminência da morte seriam, nem dado biográfico nem algum medo mórbido do Autor, mas simples meio de harmonizar-se a invenção com a elocução da espécie epistolar; numa palavra, seriam lugar-comum determinado pelo *prépon* daquela espécie.

## Conclusão

A seguir, resumem-se, primeiro, os preceitos concernentes à qualificação da *hypókrisis* e *léxis* da epístola, bem como à conveniência entre aquelas e a matéria; depois, aplicam-se tais preceitos à leitura de um passo das *Epístolas* de Horácio. Assim, tem-se, primeiro, isto:

1. A epístola, por ter *léxis graphiké*, não admite a *hypókrisis* ou *actio* toda, ou melhor, não admite *kínesis* nem *skhémata*, ou *actio* propriamente dita, mas apenas *phoné* ou *pronuntiatio*;

1.1. daí, por não ser apta a declamar-se em público, mas apenas a ler-se em particular, a matéria que mais lhe convém são o repúdio da cidade e o elogio do campo.

2. Das *phonaí* a que mais convém à epístola é a *phonè mikrá* ou *uox contracta*, à qual, por sua vez, mais convém:

2.1. o *páthos* da calma, que é como sem *páthos*,

2.1.1. donde vem que a matéria mais conveniente à epístola seja a discussão filosófica, ou melhor, o estudo da filosofia prática ou ativa;

2.2. e o *êthos* do velho, que não só se opõe ao *páthos* mas, por assim dizer, ao *êthos* mesmo,

2.2.1. donde vem que a matéria mais conveniente à epístola seja a da morte.

Demais, a conveniência entre elocução e invenção epistolar, investigadas aqui pelo confronto de Horácio com Aristóteles, pode bem resumir-se com este passo de Demétrio:

Ειδέναι δὲ χρῆ, ὅτι οὐχ ἑρμηνεῖα μόνον, ἀλλὰ καὶ πράγματά  
τινα ἐπιστολικά ἐστιν (Demetr. 230)

Ora, é preciso saber que não só *hermeneía* [= elocução], mas também alguns *prágmata* [= invenção] epistolares há.

Em segundo lugar, aplicam-se aqueles preceitos à leitura do prólogo da Epístola 1 do Livro 1, cujos versos, já antes citados esparsamente, agora se lêem numa tira:

*Prima dicte mihi, summa dicende Camena,  
spectatum satis et donatum iam rude quaeris,  
Maecenas, iterum antiquo me includere ludo.  
non eadem est aetas, non mens. Veianius armis  
Herculis ad postem fixis latet abditus agro,  
ne populum extrema totiens exoret harena.  
est mihi purgatam crebro qui personet aurem  
"solve senescentem mature sanus equum, ne  
peccet ad extremum ridendus et ilia ducat."  
Nunc itaque et versus et cetera ludicra pono;  
quid verum atque decens curo et rogo et omnis in hoc sum;  
condo et compono quae mox depromere possim* (Hor. Ep. I 1,1-12)

À primeira [antes] vindo, à minha última Camena [agora] vindouro, requisitas de mim, já com o florete dadivado e tão admirado, Mecenas, que de novo me encerre na antiga diversão.

Não é a mesma a idade, nem a mente. Veião, penduradas as armas ao poste de Hércules, esconde-se ao longe no campo para que não implore tanto o público no extremo da arena.

Há quem sempre me purgue, ao soprar, o ouvido:

“Solta, [se és] são, o cavalo, avelhentado, a tempo, para que não

tropece no extremo [da pista] risível, e a ilharga mostre”.

Agora, pois, tanto os versos como o divertimento restante deponho; o verdadeiro e decente é o de que cuido e que rogo, e todo nisso estou; construo e componho o que logo eu possa sacar.

De acordo com os preceitos acima resumidos, é de reparar, primeiro, a matéria do elogio ao campo e repúdio da cidade, pois Horácio, epistológrafo, compara-se a Veião, gladiador, que justamente abandona a arena, isto é, a cidade, para recolher-se ao campo. Em segundo, é de reparar a matéria da filosofia ética, pois Horácio deixa os versos e divertimento, isto é, a poesia, para cuidar do verdadeiro e decente. Em terceiro, é de reparar o *êthos* do velho, pois Horácio tanto diz que abandona o lúdico, próprio do jovem, por não ter mais a idade de antes, como se compara a cavalo envelhecido. Enfim, é de reparar a matéria da morte, que se entrevê na alegoria do cavalo que, se teima em correr, acaba risível, à maneira da pessoa que, se se obstina em viver, acaba ridícula. Assim, o prólogo da Epístola 1 do Livro 1, mais que abrir a referida Epístola, serviria, na verdade, de prólogo a toda a coleção das *Epístolas* de Horácio, por enfeixar tudo que pertence à matéria epistolar.

## Notas

- 1 - Também a sátira, outra espécie dialogal conhecida de Horácio, é por este associada à leitura e, daí, oposta à recitação: [...] *Cum mea nemo scripta legat volgo recitare timentis* [...] (Hor. S. I 4,22-3; cf. v. 71-6). [...] Já que ninguém os meus/ escritos lê, temendo eu recitar ao vulgo [...]; *Saepe stilum veritas, iterum quae digna legi sint scripturus, neque te ut miretur turba labores, contentus paucis lectoribus. an tua demens vilibus in ludis dictari carmina malis?* (id. ib. I 10,72-5). Amiúde invertas o estilete, e o que seja digno de reler-se/ escreverás; nem trabalhes por ser admirado da turba,/ contenta-te de poucos leitores. Ou preferes/ em diversões vis teus poemas recitar demente?
- 2 - Cf. Arstt. *Rhet.* III 1,4: Ἦστι δὲ αὐτῇ [sc. ὑπόκρισις] μὲν ἐν τῇ φωνῇ Ora, ela mesma [sc. *hypókrisis*], pois, está na voz [*phonêi*]; Cic. *De or.* III 60,224: *Ad actionis autem usum atque laudem maximam sine dubio partem vox obtinet* Ora, para o uso e louvor da ação [*actionis*], detém a voz [*vox*] a parte indubitavelmente principal.
- 3 - Cf. Arstt. *Rhet.* III 1,4: Ἦστι δὲ αὐτῇ [sc. ὑπόκρισις] μὲν ἐν τῇ φωνῇ, πᾶς αὐτῇ δεῖ χρῆσθαι [...], οἷον πότε μεγάλῃ καὶ πότε μικρᾷ καὶ πότε μέσῃ Ora, ela mesma [sc. *hypókrisis*], pois, está na voz [*phonêi*], em como é necessário usar desta [...], isto é, quando [é necessário usar] da alta, quando da baixa, quando da média.
- 4 - Cf. Arstt. *Rhet.* III 1,4: Ἦστι δὲ αὐτῇ [sc. ὑπόκρισις] μὲν ἐν τῇ φωνῇ, πᾶς αὐτῇ δεῖ χρῆσθαι πρὸς ἕκαστον πάθος, οἷον πότε μεγάλῃ καὶ πότε μικρᾷ καὶ πότε μέσῃ Ora, ela mesma [sc. *hypókrisis*], pois, está na voz [*phonêi*], em como é necessário usar desta para cada afeto [*páthos*], isto é, quando [é necessário usar] da alta, quando da baixa, quando da média.

## Referências bibliográficas

ARISTOTLE. *The art of rhetoric*. With an English translation by J. H. Freese. 8. ed. Cambridge / London: Harvard University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *The poetics*. With an English translation by W. H. Fyfe. 5 ed. Cambridge / London: Harvard University Press, 1953.

HORACE. *Satires. Epistles. Ars poetica*. With an English translation by H. R. Fairclough. 13 ed. Cambridge / London: Harvard University Press, 1991.

MARTINHO DOS SANTOS, M. The epistle as example of written composition. *Classica*, São Paulo, 11/12, p. 233-246, 1998/1999.

---

**ABSTRACT:** By the collation of Horace's *Epistles* and Aristotle's *Poetics* and *Rethoric*, I investigate first the *hypókrisis* of the epistle, so as to qualify it as essentially *graphiké* and, thus, as reserved, not to an audience, but to a reader. Then I infer from that quality the most suitable matter to the epistle, so as to understand this suitability as *prépon* of the epistle; for instance, in Horace's *Epistles*, the praise of country and the renouncement of town may be, in this sense, not Horace's idiosyncrasy, but the matter which better harmonizes with the elocution that is suited for reader, that is, for the private life [= country], and renounces the audience and spectator, that is, the public life [=town].

**KEY-WORDS:** epistolography; Horace; poetry; rhetoric; Aristotle; *hypókrisis*; written and oral composition; *prépon*.

---